

Olisipografia, olisipógrafos: breves notas. O caso do Gabinete de Estudos Olisiponenses
Elisabete Gama

A importância de Lisboa e o seu papel primordial na História fazem com que ela seja, com maior ou menor incidência, uma presença constante na historiografia portuguesa e mundial. Esta presença é assinalável logo nas obras dos nossos cronistas, que lhe dedicaram grande número de páginas. Essa dedicação acentua-se a partir do século XVI e ganha plena consciência no final do século XIX, contribuindo para o conceito de olisipografia e para o aparecimento do especialista na temática de Lisboa, o *olisipógrafo*. O Gabinete de Estudos Olisiponenses foi o resultado da dedicação desses especialistas ao estudo e pesquisa do património histórico, cultural e patrimonial da cidade, donde se destaca o nome do Engenheiro Augusto Vieira da Silva. Outros houve, antes e depois. Relembra-los é perpetuar a própria memória da capital.

Em torno do significado da conquista de Lisboa aos Mouros
José Manuel Garcia

A cerca moura teve a sua maior prova quando em 1147 conseguiu resistir à ofensiva que sofreu da parte de cruzados vindos do Norte da Europa e das tropas de D. Afonso Henriques. Os invasores só conseguiram dominar a cidade depois dos seus defensores se renderem na sequência de um prologado cerco que decorreu num contexto adverso para os muçulmanos. Este evento situa-se num momento decisivo da afirmação da independência de Portugal que evocamos de forma contextualizada.

A Cerca de Vieira da Silva e a Cerca Actual
Manuel Fialho Silva

Esta apresentação incidirá sobretudo na confrontação entre a obra de Vieira da Silva, *A Cerca Moura de Lisboa*, e o actual estado da Cerca, baseada numa recolha de imagens actuais confrontadas com o relato e o registo fotográfico existente na obra do olisipógrafo. Deste modo, será realizado um "passo virtual" pelos vestígios da Cerca, inserindo-os no seu contexto histórico, comentando as portas, as torres e os panos de muralha que ainda hoje nos relembram o vasto passado de Lisboa.

Contributo da Arqueologia para o estudo da «Cerca Velha» de Lisboa
Manuela Leitão e Vasco Leitão, Arqueólogos do Museu da Cidade.

Desde o ano de 2001 que o Museu da Cidade tem vindo a realizar intervenções arqueológicas ao longo do traçado da "Cerca Velha" de Lisboa. Os resultados obtidos e as investigações entretanto encetadas motivaram o relançamento do estudo deste equipamento militar, iniciado, de uma forma mais sistemática, pelo Olisipógrafo Augusto Vieira da Silva. Recorrendo a novas metodologias, pretende-se contribuir para o conhecimento da génese e evolução desta muralha. Neste âmbito, serão apresentados três exemplos de trabalhos arqueológicos desenvolvidos pelo Museu da Cidade.

Redescobrir a Lisboa árabe: um desafio do presente
Adalberto Alves

"Fazer um balanço dessa herança árabe não é, ainda hoje, fácil, sobretudo porque, depois da sistemática destruição de fontes escritas muçulmanas levada a cabo pela Inquisição, nada sobrou no nosso território, a nível documental, sobre o período islâmico: valem-nos o socorro do espólio documental que pôde ser salvo noutras paragens. Também o protagonismo, sempre discreto, da cidade, ao longo do período em análise, se beneficiou a lenda, obscureceu, demasiadas vezes, com o seu véu, a nitidez da silhueta histórica. Tentemos apesar de tais condicionais, uma árdua viagem no tempo, sem cairmos prisioneiros do implacável espartilho diacrónico. Ousemos entrever essa Lisbuna, simultaneamente mítica e real, que Afonso Henriques um dia cobiou para jóia do seu sonhado reino."

Alves, Adalberto, *Em Busca da Lisboa Árabe*, 2007, CTT

Construção imponente, admirável e fortificada é a das suas muralhas e da sua alcáçova. (...) Tem seis (*sic*) portas, dispostas numa ordem curiosa. Entre elas, a **Porta Grande**, que é ocidental, sobrepujada por arcadas duplas, assentes sobre colunas de mármore branco. Outra porta, também a oeste, conhecida como **Porta do Postigo** (*Bab al-Hawha*), que se abre para uma extensa e verde pradaria, no meio da qual dois cursos de água a atravessam até se lançarem no mar. De entre as suas (outras) portas, há uma porta meridional, chamada **Porta do Mar** (*Bab al-Bahr*); por onde entram as ondas, que sobem pela sua muralha cerca de três braças. Entre elas também, uma porta oriental, conhecida como **Porta das Termas** (*Bab al-Hamma*), estando as termas próximas dela; nelas correm duas águas: uma água quente e uma água fria, e ambas próximas do mar; quando a maré enche, encobre-as, e quando baixa, descobre-as. Outra porta, também oriental, é chamada **Porta do Estreito** (*Bab al-Madiq*).

Anónimo, *Dikr Bilad Al-Andalus*, ed. Luís Molina, 2 vols. (Madrid 1983), tradução portuguesa por António Rei e Adel Sidarus, "Lisboa e seu Termo segundo os geógrafos árabes", *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001, pp. 65-66.

13 MAR

10:00 – *Olisipografia, olisipógrafos: breves notas. O caso do Gabinete de Estudos Olisiponenses*
Elisabete Gama, GEO

11:00 – *Em torno do significado da conquista de Lisboa aos Mouros*
José Manuel Garcia, GEO

Intervalo p/ almoço

14:00 – *A Cerca de Vieira da Silva e a Cerca Actual*
Manuel Fialho Silva, GEO

15:00 – *Contributo da Arqueologia para o estudo da «Cerca Velha» de Lisboa*
Manuela Leitão e Vasco Leitão, Arqueólogos do Museu da Cidade

16:00 – *Redescobrir a Lisboa árabe: um desafio do presente*
Adalberto Alves

14 MAR

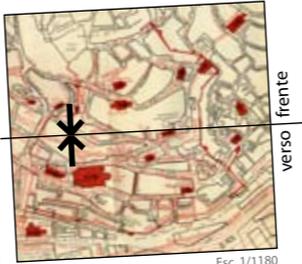
10:30 – 12:30 - Visita guiada aos vestígios da Cerca Moura de Lisboa

Gabinete de Estudos Olisiponenses
Palácio do Beau Séjour
Estrada de Benfica, 368
1500-100 Lisboa / Tel 217701100
<http://geo.cm-lisboa.pt>

FRAGMENTO DA PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA QUE COMPREENDE A PARTE ABRANGIDA PELA CERCA MOURA

O traçado e as legendas a preto correspondem à actualidade. O traçado e legendas a vermelho são as correspondentes à época do terremoto de 1755. O traçado é extraído da *Planta topographica da Cidade Lisboa*, arruinada, e *Também Segundo o Novo Alinhamento dos Architétos Eugenio dos Santos, e Carvalho, e Carlos Mardel*. As legendas são extraídas do *Tombo da Cidade de Lisboa*, mandado organizar por decreto de 29 de Novembro de 1755. No traçado das muralhas da cerca o traço cheio mostra as partes conservadas ou aquelas sobre que não há dúvidas. A linha tracejada representa o traçado duvidoso, ou puramente conjectural.

in *A Cerca de Lisboa: estudo histórico-descriptivo* / A. Vieira da Silva, 2ª edição, Lisboa, Câmara Municipal, 1939, entre p. 58 e 59



Esc. 1/1180

mira de ajuste frente/verso

verso

WORKSHOP

A Cerca de Al-Ušbuna



mira de ajuste frente/verso

A Cerca Moura de Lisboa, também chamada "Cerca Velha" é um monumento nacional que consiste nos vestígios da estrutura defensiva que ainda hoje se pode observar, de modo parcial, nas várias freguesias de Alfama. A muralha original foi provavelmente erigida no período tardo-romano (séc III-V) e depois muito possivelmente aproveitada e reforçada no período islâmico (sécs.VIII-XII), sendo que grande parte da estrutura que se mantém será deste último período da história de Lisboa, possivelmente cerca do séc. X, após o saque de Ordonho III à cidade¹. A muralha que defendia Al-Ušbuna teria, segundo Augusto Vieira da Silva, aproximadamente 1250m de comprimento na sua extensão total, 2m a 2,5m de espessura e abrangia no seu interior uma área de aproximadamente 15,6 hectares. Sendo assim, a área total de Al-Ušbuna, aquando do seu apogeu em finais do séc. XI, seria de aproximadamente 30 hectares, juntando à já referida área intramuros dois arrabaldes, formando um conjunto de 15 hectares. Neste espaço, Cláudio Torres admite uma população na ordem dos 20 ou 30.000 habitantes, comparando-a aos grandes portos de Málaga e Almeria².

Segundo as descrições da época, Al-Ušbuna era uma cidade densamente povoada e rica provindo a sua riqueza da exploração intensa dos recursos agrícolas e piscatórios, da produção industrial e mineira e de intensas trocas comerciais. Uma das fontes descreve Al-Ušbuna como "a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa"³.

No interior da Cerca de Al-Ušbuna, diferentes raças, povos e crenças religiosas conviviam de um modo relativamente pacífico. Sabemos que as três grandes religiões, cristianismo, islamismo e judaísmo, eram toleradas em Al-Ušbuna.

Isto porque a elite muçulmana que governava a cidade não impunha a conversão ao islamismo e permitia as crenças religiosas da população autóctone, mas apenas mediante o pagamento de taxas e impostos específicos, tal como acontecia em todo o Al-Andaluz. Os moçárabes, cristãos que continuavam a praticar rituais litúrgicos criados pelos primeiros cristãos ibéricos, os viviam ao lado de muçulmanos e até de judeus, os quais também eram tolerados em Al-Ušbuna. Em 1109, o rei norueguês Sigurd afirma que a população de Lisboa, aquando da sua belicosa passagem por Al-Ušbuna, seria composta por metade de muçulmanos e metade cristãos¹. Este testemunho vem concordar com as mais recentes opiniões dos historiadores² que consideram que a penetração do Islão na Península foi sobretudo um processo lento e gradual onde a força das armas não terá tido grande peso.

Em 1147, no momento em que Lisboa cai às mãos de um extenso exército composto por cruzados de vários países da Europa e também por portugueses, chefiados por D. Afonso Henriques (*Ibn-Errik*), a cidade possuía um bispo moçárabe, o qual acabou por ser assassinado pelos cruzados francos. Está também confirmada a existência da mesquita maior (Aljama) no espaço da actual Sé de Lisboa³, enquanto que o culto cristão moçárabe teria um local privilegiado no espaço da actual igreja de Santa Cruz do Castelo⁴, quanto à comunidade judaica não são conhecidas quaisquer provas arqueológicas ou epigráficas desta época⁵, mas com certeza teria o seu espaço para o culto em alguma parte da cidade.

- 1 Cf. Matos, José Luis, "Lisboa Islâmica" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
- 2 Cf. Torres, Cláudio, "Lisboa Muçulmana - Um espaço urbano e o seu território" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
- 3 A conquista de Lisboa aos Mouros - *Relato de um cruzado*, trad. do lat. para português por Aires A. Nascimento, Lisboa, Vega, 2007, p. 77

- 1 Cf. Picard, Christophe, "Les Mozarabes de Lisbonne: Le Problème de l'assimilation et de la conversion des Chrétiens sous domination musulmane à la lumière de l'exemple de Lisbonne" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
- 2 Cf. Cláudio Torres, "O Garb-Al-Andaluz" in *História de Portugal*, José Mattoso, ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 407.
- 3 Cf. Amaro, Clementino, "Arqueologia Islâmica em Lisboa: um percurso possível" in *Portugal Islâmico - Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, 1998.
- 4 Cf. Branco da Silva, Maria João, "Reis bispos e cabidos: a diocese de Lisboa durante o primeiro século da sua restauração", *Lusitania Sacra*, 2ª série, 10, 1998, 55-94.
- 5 Cf. Cláudio Torres, "O Garb-Al-Andaluz" in *História de Portugal*, José Mattoso, ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 407.